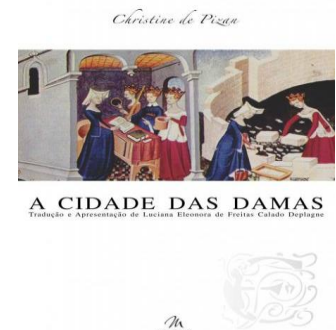




O imaginário como resistência feminina em *a cidade das damas*

Mônica Cristina Ribeiro Gomes

PIZAN, Christine de. **A cidade das damas**. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Florianópolis: Mulheres, 2012. 352 p.



Como romper com estereótipos que reduzem as mulheres a sujeitos de segunda categoria, sem participação social relevante? Por que o fato de ser uma mulher constitui um precedente para que sua conduta seja sempre passível de críticas? O que fazer para fortalecer a autonomia feminina em uma sociedade misógina?

Questões como essas soam contemporâneas, pela proximidade com as reivindicações dos movimentos feministas, mas já inquietavam Christine de Pizan (1364-1430) há mais de 600 anos, como mostra o livro “A cidade das damas”¹, escrito em 1405, que chega a sua primeira tradução

¹ A primeira edição em Português da obra foi publicada pela Editora da UFPb, em 2012, e a segunda edição, pela Editora Mulheres, utilizada para esta resenha. Tendo em vista a contribuição desta tradução, consideramos que uma revisão gramatical detalhada e ajustes de aspectos formais do texto devem ser aplicados a edições posteriores.



para o Português, após já ter sido publicado em vários idiomas. Manuscritos originais foram objeto de estudo do Doutorado de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, que realizou parte de sua pesquisa na França, para a elaboração da tese “A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico” de Christine de Pizan, defendida em 2006.

A cidade das damas consiste em um lugar ideal, imaginado pela autora-protagonista, onde mulheres de todas as épocas poderiam viver livres da opressão masculina, referida ao longo da obra em diversas situações de depreciação intelectual e moral, e também de violência física, como o estupro. Tal projeto de emancipação feminina é concebido pela via do imaginário, aqui compreendido como uma forma de resistência e de superação do presente que se manifesta como utopia, como a possibilidade de um novo lugar ou do “não-lugar”. Nesse sentido, a análise de Deplagne na apresentação do livro identifica o projeto de Pizan com a perspectiva de utopia do filósofo Ernst Bloch, que compreende a esperança como depositária daquilo que está em vias de se concretizar.

A exploração do pensamento utópico constitui uma das frentes em que se reconhece o pioneirismo de Pizan, como faz notar Deplagne, ao afirmar que se trata da primeira obra escrita por uma mulher nessa modalidade. De outra parte, podemos considerar também que Pizan, ciente da desigualdade entre homens e mulheres, ousa problematizar questões que somente séculos depois seriam objeto de reflexão do pensamento feminista. A função da mulher como mera reprodutora é colocada em xeque e discutida outras possibilidades de realização feminina que não aquelas tradicionalmente ligadas aos papéis de mãe e de esposa. Trata-se de um chamamento às mulheres, “[...] que se desencorajam e dizem que não servem a outra coisa além de atrair os homens, e de pôr no mundo e educar os filhos” (p. 128).

Pizan não apenas contesta a representação feminina vigente na literatura, em que as mulheres são tratadas como inferiores aos homens, em termos físicos, intelectuais e morais, como também avança na discussão sobre igualdade, ao reivindicar direitos: “Pois, se elas querem estudar, isso deve lhes ser acessível como aos homens [...]” (p. 129). O fato de o acesso à educação ser diferente para homens e mulheres se torna argumento para a desconstrução dos



discursos que “naturalizam” a suposta inferioridade intelectual feminina e reverberam na literatura. Ao discorrer sobre a divisão sexual de papéis, que veda às mulheres a possibilidade de atuar em tarefas consideradas masculinas, como as artes e as ciências, e as renega a ocupações domésticas, Pizan expõe a articulação de uma cultura machista que se reproduz por meio de uma educação excludente, privilégio dos homens. Trata-se, portanto, de uma obra fundamental para pesquisas sobre gênero.

“A cidade das damas” tem início com a descrição do momento em que autora-protagonista, às voltas com suas leituras, fica desolada ao se deparar com mais um livro que desqualifica as mulheres. Indignada, Pizan se põe a refletir sobre quais seriam as razões de tantos autores, muitos de reconhecida importância, sempre criticarem a conduta feminina. A autora examina, ao longo da obra, uma variedade de escritos misóginos e concepções correntes, como bem ilustra o provérbio latino segundo o qual “Deus criou a mulher para chorar, falar e tear” (p. 86). Em certo momento, ela dirige seu lamento a Deus, questionando o porquê de não ter nascido homem e, assim, ter sido contemplada com elevadas virtudes reservadas ao sexo masculino.

Nesse momento de profunda tristeza pela constatação da condição feminina, ocorre a aparição de três damas, Razão, Retidão e Justiça, que vão orientar Pizan na construção de uma cidade em que as mulheres poderão viver protegidas. A arquitetura de tal projeto se efetiva no plano da metalinguagem, quando Dama Razão anuncia que a cidade se erguerá no Campo das Letras, “terra rica e fértil” (p. 73), e conclama Pizan a cavar com sua inteligência. A construção da narrativa representa cada etapa da edificação. Pizan recorre frequentemente à obra de Boccaccio, de onde extrai o exemplo de coragem e luta de inúmeras mulheres, como guerreiras, cientistas, poetisas, rainhas, filósofas, escritoras e legisladoras, convertidas metaforicamente na “matéria-prima” para a construção da cidade. A referência ao Campo das Letras como o lugar que abrigará a cidade confere à literatura um papel político, que a transforma em um espaço de reivindicação e de resistência feminina.

Na apresentação que abre o livro, Deplagne discorre sobre a metodologia utilizada na tradução e analisa aspectos semânticos da obra. A cronologia que vem em seguida mostra uma produção bastante significativa, não apenas pela contribuição de “A cidade das damas”, mas



também pela própria experiência de Pizan como escritora em um universo marcado pela produção masculina.

Após a apresentação, segue a tradução da obra, estruturada em Livro Primeiro, Segundo e Terceiro, conforme os diálogos entre a protagonista e as damas Razão, Retidão e Justiça, respectivamente. A essa divisão, equivalem os alicerces da cidade, representados por cientistas, intelectuais, artistas, rainhas e guerreiras; os edifícios, que se relacionam às heroínas e profetisas; e, por fim, os telhados, correspondentes às santas e mártires.

Monica Cristina Ribeiro Gomes – Universidade de Sorocaba –
Uniso. Sorocaba | SP | Brasil. Contato:
monica.gomes@prof.uniso.br